



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Para lá das Religiões. Ensaios sobre religiões e Culturas, Ética, Espiritualidade e Política', de Isabel Allegro de Magalhães]

Yvette K. Centeno

Para citar este documento / To cite this document:

Yvette K. Centeno, "[Recensão crítica a 'Para lá das Religiões. Ensaios sobre religiões e Culturas, Ética, Espiritualidade e Política', de Isabel Allegro de Magalhães]", *Colóquio/Letras*, n.º 180, Maio 2012, p. 262-264.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

beiro reconhece e sobre que reflecte. Talvez não seja por acaso que, já para o fim do volume, surge, num pequeno texto citado de Paul Celan, a imagem de uma mão que aperta outra mão, e é a mesma que escreve um poema. Podemos ainda encontrar no objecto «cadeira», que constitui o motivo do ensaio introdutório deste livro, e que é caracterizado como paradigma de uma nova concepção das artes do corpo e da sua contemporânea «descida à terra», o análogo da «mão» que faz. E o diálogo, que ela permite, entre agir e pensar torna-se assim, na visão de António Pinto Ribeiro, um dos pontos fulcrais por onde passam as artes do corpo e, por extensão, muitas das formas de arte praticadas e vividas na cidade. Este capítulo introdutório é, pois, uma viagem sobre o século XX e o modo como ele mudou, de forma decisiva, o lugar e a caracterização das artes do corpo na cultura contemporânea.

Este volume é um imaginoso passeio por uma série de questões que hoje nos tocam a todos, e para as quais, mesmo não as resolvendo, cabe sempre formular perguntas e ensaiar respostas. Desde o papel das Universidades e da sua relação com a criatividade artística, até à espinhosa questão do elitismo como «especialidade» contemporânea, e aos equívocos que ela gera, passando pela reflexão sobre as «grandes superfícies culturais» ou sobre os caminhos traçados pelos intelectuais e os artistas dentro de uma vida cultural que se quer sustentada, e não episódica, esta obra é de uma clareza de pensamento invulgar sobre a situação contemporânea, sobretudo em Portugal. Também nisto o volume responde à visão cosmopolita, em que, para utilizar uma distinção a que o próprio António Pinto Ribeiro alude, não se pode apenas «agir», mas se deve também «fazer». Uma das formas que este «fazer» assume é, como fica comprovado, não deixar de lado nenhum dos

ângulos que podem importar à reflexão sobre a nossa vida artística e cultural, e até mesmo, num quadro mais lato, a Europa cultural do futuro. Uma das formas desse «fazer» é colocar questões sobre a hipótese de haver algum tipo de felicidade na arte, ou sobre os limites e os perigos do entendimento da «perfeição» na arte. No fundo, toda esta indagação, na imensa variedade que assume ao longo do livro, declina as duas perguntas fundamentais que na página 161 são formuladas com clareza: «1) Para que servem a arte e a cultura? 2) Cultivar a infelicidade ou civilizar a cultura?» Embora apontando o facto de que não há respostas definitivas a estas questões, António Pinto Ribeiro não deixa de as colocar repetidamente e, por isso, de nos pôr a nós frente a elas, para que sobre elas possamos pensar e dialogar. E este, além de todos os outros, é um enorme mérito do livro e na realidade das questões permanentes/pertinentes que ele nos ajuda a formular.

*Helena Carvalho Buescu**

* A. A. escreve de acordo com a antiga ortografia.

Isabel Allegro de Magalhães
PARA LÁ DAS RELIGIÕES
ENSAIOS SOBRE RELIGIÕES E CULTURAS,
ÉTICA, ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA
Lisboa, Chiado Editora / 2012

Um título é sempre uma indicação de leitura, um sinal, mais ou menos explícito, que o autor nos dá. Este título, *Para lá das Religiões*, foi, para mim, logo um desafio. Deixa-nos com a ideia de que ao longo dos vários ensaios incluídos e nos temas neles abordados, que tanto bebem em Teilhard de Chardin como em Natália Correia, ou Tchouang-Tseu, pensador taoísta, entre muitos outros, se procurou uma dimensão

que de algum modo ultrapassasse a simples matéria religiosa, cívica, filosófica ou política, obrigando-nos a ponderar mais profundamente, questionando de verdade as afirmações que foram sendo feitas ao longo da escrita da obra.

Isabel Allegro de Magalhães tem, até pela sua atividade universitária, o gosto da Literatura Comparada, sabe como nada nasce do nada e como nas várias línguas e literaturas do mundo, de todas as épocas, se manifestam temas e motivos comuns, memórias culturais, arquetípicas, que vão sendo gradualmente elaboradas no seu espaço próprio de criação — daí resultando as diferenças que são marca de autor.

Também este livro tem marca de autor: vê-se no índice. O mundo de Isabel é um mundo alargado, feito de estudo e reflexão, na componente académica, de exigência erudita; mas feito também, e sobretudo, de intervenção, na componente cívica (o seu feminismo assumido), política (uma mulher de esquerda que não renega o seu pensamento) e religiosa (a adesão ao movimento, que é pensamento, do Graal).

Nesta última componente, o facto de se conhecerem as várias religiões ditas do Livro (a Bíblia, Antigo e Novo Testamento, e o Alcorão, a súpula do islamismo), bem como a mística própria de cada uma delas, leva-nos a várias considerações.

Há diferença, como notou Gotthold Ephraim Lessing, na Alemanha do século XVIII, num ensaio sobre *A Educação do Género Humano*, entre o primeiro momento da criação do Homem, a sua evolução, de que faz parte a expulsão do Paraíso, e os momentos seguintes em que o monoteísmo judaico já substituiu a dimensão e as práticas pagãs — o do primitivo cristianismo e, mais tarde, o dos seguidores do islamismo. Lessing resume no drama *Nathan der Weise* [*Nathan o Sábio*] o seu entendimento (deísta) da harmonia que

poderia existir entre essas religiões, cada qual a seu tempo fundadora de uma nova etapa de civilização, em espaço próprio, do Ocidente ou do Oriente.

Para lá das religiões, o que se afirmou, com o passar dos tempos, foram os sistemas religiosos, fixando doutrina e limites à interpretação dos crentes, fundando uma ortodoxia (que logo por força do natural movimento dos opostos definirá a heterodoxia) a que se deve obedecer para não ser punido, por Deus ou pelos seus representantes na terra, os sacerdotes. E agora chegamos a um dos pontos mais interessantes que Isabel aborda no seu livro: para lá das religiões, a vivência dos místicos: ainda que crentes no sistema (seja cristão seja islâmico, pois há vários exemplos da mística persa e sufi que foram estudados por eruditos como Henry Corbin e profundamente nos tocam e comovem pela sua densidade poética e religiosa), para lá do limite que a própria fé impõe, está então a experiência do indizível, de um Deus ao mesmo tempo presente e ausente (como se lamenta São João da Cruz, em certos momentos, ou se lamenta um poeta judeu como Paul Celan, que assistiu aos horrores do holocausto).

Se atentarmos na vida de Hildegarda, abadesa de Bingen, que se tornou célebre no século XII por múltiplas qualidades — era compositora, poeta, cientista e tinha sobretudo visões de uma beleza esplendorosa, descritas pelo seu biógrafo Teodorico von Echernach (este refere «que logo em criança vira uma luz tão poderosa que lhe abalou a alma») —, concluímos como na sua vida o mundo do divino, espiritual, e o mundo material, das muitas coisas terrenas, coincidiam num espaço livre, de boa consciência. O seu primeiro livro terá por título *Scivias*, sobre teologia dogmática; seguem-se outros sobre teologia moral e o mais célebre, talvez, sobre cosmologia,

Liber Divinorum Operum (*Livro das Obras Divinas*), entre muitos outros, de medicina e botânica, com o seu quê de alquímico. Mas se me perdi um pouco com esta monja foi para chegar a um exemplo da sua vida neste sentido da obra de Isabel Allegro de Magalhães: para lá do limite imposto. Em dado momento, chegou à abadia e lá morreu um nobre que tinha sido excomungado: ora os excomungados não podiam ser enterrados em solo consagrado, segundo o Direito Canónico, e pediram a Hildegarda que exumasse o cadáver, o que ela não fez, mandando apagar os vestígios do local do enterro. O mosteiro foi interdito, por um tempo, mas ela disse que o nobre se tinha reconciliado com a Igreja antes de morrer e manteve a corajosa atitude.

Exemplos destes, de coragem e afirmação moral, não faltam, na história da Igreja. Isabel, no seu livro, dedica um capítulo a Santa Teresa de Ávila: a que dizia, em tempo de jejum, que jejum era jejum, mas perninhas de rã eram perninhas de rã, e comia na mesma. Deus não lhe levou a mal...

O que se adivinha, no teor mais profundo deste livro agora dado a público é a chamada de atenção para a Ética: na Religião, como na atividade cívica, social, política. A Ética pressupõe um sentimento e um comportamento feito de coerência e respeito pelos valores da dignidade humana, exige que se ame e respeite o próximo (ama o próximo, isto é o teu semelhante, como a ti mesmo, eis a mais simples e direta lição de Cristo a quem o interroga). A religião não pode ser apenas entendida como devoção, exige mais, exige ação — e esta ação situa-se já no domínio de uma consciência moral alargada a todos os campos (também a outros campos religiosos), respeitadora das diferenças tanto quanto da identidade própria.

Penso, ao ler este livro, que nele se discute a condição atual do pensamento e da prática, num mundo em mudança, muitas

vezes cruel, de egoísmo, abandono e sofrimento. Recorre-se à Fé? A Fé é um dom concedido. Não pode ser questionada. Para alguns Questionar é em certa medida perder a Fé. Mas onde falte a Fé pode existir a Prática: a prática depende só da nossa vontade de amar e fazer o bem à nossa volta. Termino evocando Maria de Lourdes Pintasilgo, de quem a Isabel Allegro é continuadora no Graal e se refere à «práxis transformadora do mundo».

Yvette K. Centeno

LITERATURA MOÇAMBICANA

ENSAIO

MOÇAMBIQUE: DAS PALAVRAS ESCRITAS

Org. Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses

Porto, Edições Afrontamento / 2008

Sob um título que retém a atenção do leitor pela sua generalidade intencional, propõem-se catorze textos reunidos por Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses sobre a história da literatura moçambicana e sobre alguns autores (Mia Couto, Paulina Chiziane, Lília Moplé, João Paulo Borges Coelho) considerados representativos de um dado momento dessa história.

Expõem-se, em primeiro lugar, os marcos fundamentais que possibilitaram a emergência de uma literatura nacional. Entre estes, o surgimento da imprensa, em 1854. Esta permitiu às populações autóctones expressarem-se através da escrita e alcançarem dessa forma um público, de início certamente restrito, mas que com o tempo viria a ter um papel importante na luta ideológica (e mais tarde, armada) con-